
NOTAS HISTÓRICAS E FILOLÓGICAS SOBRE A PALAVRA DENGUE

Joffre Marcondes de Rezende¹

A palavra dengue, de procedência espanhola, tem pelo menos três acepções principais na sua língua de origem. O *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española, coloca as três acepções em uma única entrada, indicando tratar-se da mesma palavra que, na sua evolução semântica, teria adquirido sentidos diferentes. No texto original lemos:

dengue. (De la onomat. *deng*, del balanceo.) m. Melindre mujeril que consiste en afectar delicadezas, males y, a veces, disgusto de lo que más se quiere o desea.// 2. Esclavina de paño, que llega hasta la mitad de la espalda, se cruza por el pecho, y las puntas se sujetan detrás del talle. Es prenda de mujer.// 3. *Pat.* Enfermedad febril, epidémica y contagiosa, que se manifiesta por dolores de los miembros y un exantema semejante al de la escarlatina (41).

Em seu monumental *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Corominas e Pascual dão a palavra *dengue* como criação expressiva, onomatopaica, com o sentido de meneio, balanço, e discutem o vínculo existente entre as três acepções acima citadas. Interrogam qual das duas primeiras acepções teria sido a primitiva e concluem por uma equivalência semântica de ambas “puesto que el melindre es achaque mujeril e la esclavina en cuestión es prenda de mujer, la comparación pudo hacerse lo mismo en uno que en el otro sentido” (16).

A terceira acepção, nome de doença, seria posterior, visto que as duas primeiras estão documentadas no *Diccionario de la Lengua Castellana*, da Real Academia Espanhola, de 1732, e a última só aparece no século XIX (16). O vínculo semântico entre o nome da doença e a primeira acepção de *dengue* parece evidente pela postura e comportamento dos doentes.

¹ Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Endereço para correspondência: Avenida Alfredo de Castro 435, Setor Oeste, CEP: 74110-030.
Goiânia-GO.

Recebido para publicação em 27/01/98.

Schuchardt, em 1891, defendeu este ponto de vista, afirmando que a doença foi assim chamada em virtude da aparência dos enfermos, "sea por la tiesura que dejan los dolores del dengue, sea porque el dengue que a veces es enfermedad leve, fuese tachado por alguns de mera afectación" (16).

A doença, de caráter epidêmico, era já conhecida de longa data e recebeu, ao longo do tempo, os mais variados nomes de cunho popular, conforme o país ou a região considerados. Dentre eles, "febre da China", na Ásia; "bouhou", na Oceania, "febre quebra-ossos", nos Estados Unidos; "colorado", em colônias espanholas, "dandy fever", em colônias inglesas, "dengue", nas Antilhas; "polca", no Rio de Janeiro; "patuléia", na Bahia (12, 43).

As duas primeiras descrições da doença na literatura médica se devem a David Bylon, em 1780, que descreveu uma epidemia de dengue ocorrida em Java em 1779, e a Benjamin Rush, em 1789, que descreveu o surto epidêmico ocorrido em Filadélfia, nos Estados Unidos, em 1780 (35).

A partir de então, a nomenclatura médica foi acrescida de novos nomes para a doença, tais como "febre epidêmica", "febre reumatismal", "febre epidêmica eruptiva", "febre articular exantemática", "febre reumática eruptiva", "escarlatina reumatismal", "artrodinia" e outras (12, 23).

As palavras e os nomes têm o seu destino traçado por circunstâncias históricas fortuítas. Dentre tantos nomes, *dengue* sobrepôs-se aos demais, passou para o inglês e o francês e universalizou-se. Já em 1839, foi o nome escolhido por Dickson (21) para o seu livro sobre a história, patologia e tratamento da doença. E em 1869 foi adotado pelo Colégio Real de Medicina de Londres (30).

Os conhecimentos sobre a doença só avançaram no início do século XX. Em 1906, Bancroft (6) sugeriu tratar-se de doença transmitida por um vetor, provavelmente o *Aedes aegypti* (então chamado *Stegomyia fasciata*). Em 1907, Ashburn & Craig (3) demonstraram a natureza viral do agente etiológico e, em 1916, Cleland (14), na Austrália, comprovou a transmissão do vírus pelo *Aedes aegypti*. Em 1931, Simmons (44), em estudos experimentais, identificou outro possível transmissor, o *Aedes albopictus*. São reconhecidos atualmente quatro tipos de vírus, designados abreviadamente por DEN-1, DEN-2, DEN-3 e DEN-4 (42).

A denominação de *dengue* para a doença acha-se definitivamente consagrada, uma vez que foi incorporada à Nomenclatura Internacional das Doenças do Conselho das Organizações Internacionais de Ciências Médicas (CIOMS) e da Organização Mundial de Saúde (13).

A explicação aparentemente lógica de chamar-se *dengue* à doença, dada por Schuchardt e aceita por Corominas e Pascual (16), não é partilhada por muitos filólogos e linguistas, os quais buscam outras fontes etimológicas, as quais, ou teriam prioridade semântica, ou teriam produzido uma forma convergente da palavra.

O campo da etimologia é propício a divagações baseadas em semelhanças mórficas ou sônicas das palavras e permite dar asas à imaginação.

Hobson-Jobson e Dalgado julgam que *dengue* seria uma palavra ameríndia (33). Como a doença foi assinalada no Peru em 1827, a língua ameríndia poderia ser o quichua (34).

Para muitos, a palavra *dengue* é de origem africana e teria sido levada para o Caribe pelos escravos. Em quimbundo, *ndenge* quer dizer menino, que subentende birra, choro, manha (33).

Outra versão dá a palavra *dengue* oriunda do swahili, língua bantu da costa leste africana, na qual a expressão *ka dinga pepo* quer dizer "cãibras de início súbito" (39).

Bloch e Wartburg (9) afirmam que tanto a doença como o seu nome procedem de Zanzibar, ilha do Oceano Índico, que hoje integra o território da Tanzânia.

Outras hipóteses menos prováveis foram aventadas, como deverbal de *denegar* ou a origem do árabe, *dāniq* (16).

Do espanhol a palavra *dengue* passou para o português, inicialmente na acepção de melindre, manha, faceirice, afetação. Nesta acepção encontra-se averbada nos dicionários de Constâncio (1845) (15), Faria (1854) (24), Vieira (1873) (48), Lacerda (1874) (32), Aulete (1881) (4).

Chernoviz (12), no seu *Dicionário de Medicina Popular* refere-se à epidemia de dengue que ocorreu no Rio de Janeiro a partir de 1846, quando a doença era chamada de *polca*, dança que se encontrava em moda na época. Identificou-a, no entanto, corretamente, citando sua sinonímia, inclusive *dengue*, nome pelo qual era conhecida nas Antilhas.

A incorporação de *dengue* ao léxico da língua portuguesa, na acepção de doença, encontra-se consignada na primeira edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo (26), de 1899.

A partir de então, o termo passou a integrar o vocabulário médico do nosso idioma, a exemplo do que ocorrera em inglês, francês e alemão.

Em relação ao gênero gramatical de *dengue*, sabemos que as palavras terminadas em *e*, em português, podem ser masculinas ou femininas. *Dengue* pode ser substantivo ou adjetivo. Na função adjetiva, os dois gêneros são admitidos. Na função substantiva, não há unanimidade de opinião entre os lexicógrafos.

A maioria dos léxicos adota o gênero masculino quando *dengue* é usado nas acepções de melindre feminino, afetação, faceirice, birra de criança, manha, e o gênero feminino quando se trata da doença, a exemplo do francês (5, 11, 20, 25).

O *Novo Aurélio*, atualmente o mais consultado dos dicionários contemporâneos, prescreve o gênero feminino para *dengue*, na acepção de

doença, mas, ao final do verbete, incoerentemente registra: “*Dengue hemorrágico*. O que é acompanhado de fenômenos hemorrágicos...” (25).

O editor de termos médicos do referido dicionário, Dr. Deolindo Couto Jr. (19), em entrevista concedida em 1987 ao periódico *Diálogo Médico*, manifestara a intenção de retificar o gênero de *dengue* para masculino nas futuras edições.

O *Vocabulário Ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras (1), aceita os dois gêneros e Nascentes (36) adota o gênero masculino.

Nos dicionários de termos médicos, Plácido Barbosa (7) usa o gênero feminino; Céu Coutinho (17) e J.L. Soares (45), o gênero masculino, enquanto Pedro Pinto (40) aceita os dois gêneros.

Haveria uma só justificativa para optar-se pelo gênero feminino, que seria a diferenciação semântica pelo gênero gramatical, já que se usa o masculino na aceção comum de faceirice, afetação.

A tradição médica brasileira, no entanto, é de conferir à palavra *dengue*, também na aceção de doença, o gênero masculino, tal como em espanhol. Eminentemente professores e tropicalistas brasileiros, como Eugênio Coutinho (18), Otto Bier (8), Jayme Neves (37), Vicente Amato Neto (2) e Ricardo Veronesi (47) sempre usaram em seus livros “o dengue” e não “a dengue”.

Em trabalhos científicos, veiculados nos últimos anos em periódicos médicos dos mais representativos da imprensa médica brasileira, prevalece o uso do gênero masculino – o *dengue* (22, 27, 29, 31, 38, 46, 49).

O Ministério da Saúde, que já usara o *dengue* em publicações anteriores (10), tem dado preferência ultimamente na campanha de combate ao *Aedes aegypti*, ao gênero feminino, acompanhando os meios de comunicação de massa, o que certamente poderá contribuir para incrementar o uso do gênero feminino na literatura médica.

Pessoalmente sou favorável à manutenção do gênero masculino.

A situação atual do dengue é pouco animadora: 60 milhões de casos por ano em todo o mundo, com 30.000 mortes (42). No Brasil, a Fundação Nacional de Saúde dá a seguinte estatística: 125.574 casos em 1995; 180.392 em 1996, e 201.628 de janeiro a agosto de 1997 (28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch Ed., 1981.
2. Amato Neto, V. & Baldy, J.L.S. *Doenças transmissíveis*, 3.ed. São Paulo, Sarvier, 1991, p. 183.
3. Ashburn, P.M. & Craig, C.F. Experimental investigations regarding the aetiology of dengue fever, with a general consideration regarding the disease. *Phillipp. J. Sci. B.*, 2: 93-151, 1907.
4. Aulete, F.J. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa, 1881.

5. Aulete, F.J. Caldas & Garcia, H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1980.
6. Bancroft, T.L. On the etiology of dengue fever. *Aust. med. Gaz.* 25:17-18, 1906.
7. Barbosa, P. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1917.
8. Bier, O. *Bacteriologia e Imunologia*, 19.ed., São Paulo, Melhoramentos, 1978, p. 728.
9. Bloch, O. & Von Wartburg, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*, 7.ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. *Combate aos vetores da febre amarela e do dengue*. Brasília, 1987, 103 p.
11. Cegalla, D.P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.
12. Chernoviz, P.L.N. *Dicionário de medicina popular*, 6.ed. Paris, 1890.
13. CIOMS. International Nomenclature of Diseases. Vol. II. Infectious diseases. Part 3: Viral Diseases. Geneva, 1983.
14. Cleland, J.B. et al. On the transmission of Australian dengue by the mosquito *Stegomyia fasciata*. *Med. J. Aust.* 2:179-184; 200-205, 1916.
15. Constancio, F.S. *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 3.ed. Paris, 1845.
16. Corominas, J. & Pascual, J.A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid, Ed. Gredos, 1984.
17. Coutinho, A. C. *Dicionário enciclopédico de medicina*, 3.ed. Lisboa, Argo Ed., 1977.
18. Coutinho, E. *Tratado de clínica das doenças infectuosas e parasitárias*, 4.ed., Rio de Janeiro, 1947, p. 30.
19. Couto Jr., D. Afinal dicionário também erra (entrevista). *Diálogo Médico* 13: 22-29, 1987.
20. *Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (Grande), 8.ed. São Paulo, 1975.
21. Dickson, S.H. *On dengue; its history, pathology, and treatment*. Philadelphia, Haswell, Barrington & Haswell, 1839.
22. Dietze, R. Dengue. *Rev. bras. Clin. Terap.* 15: 234-237, 1986.
23. *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Grande). Lisboa, Editorial Enciclopédia Ltda., 1935-1958.
24. Faria, E. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2 ed. Lisboa, 1856.
25. Ferreira, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
26. Figueiredo, C. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Ed. Tavares Cardoso & Irmão, 1899.
27. Figueiredo, L.T.M. Uso de células de *Aedes albopictus* C6/36 na propagação e classificação de arbovirus das famílias Togaviridae, Flaviviridae, Bunyaviridae e Rhabdoviridae. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* 23: 13-18, 1990.
28. Fundação Nacional de Saúde. Internet: <http://www.fns.gov.br/>, 26/08/97.
29. Gadelha, D.P., Toda, A.T. Biologia e comportamento do *Aedes aegypti*. *Rev. Bras. Malariol. Doenças trop.* 37: 29-36, 1985.
30. Garnier, M. & Delamare, V. *Dicionário de termos técnicos de medicina*, 20.ed. (trad.) São Paulo, Organização Andrei Ed., 1984.
31. Ishak, R. Dengue: aspectos clínico, epidemiológico, laboratorial e de profilaxia. *Brasília méd.* 24: 5-10, 1987.
32. Lacerda, J.M.A. e Araujo Correa. *Dicionário enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, F. Arthur da Silva, 1874.
33. Machado, J.P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3.ed. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
34. Machado Filho, A.M. *Coleção “Escrever Certo”*, 2.ed., vol IV. São Paulo, Boa Lettura Ed., 1966, p.247-251.
35. Morton, L.T. *A medical bibliography* (Garrison and Morton), 4.ed. London, Gower, 1983.
36. Nascentes, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Academia Brasileira de Letras, 1961-1967.

37. Neves, J. *Diagnóstico e tratamento das doenças infectuosas e parasitárias*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1978, p. 235-2.
38. Osanai, C.H. et al. Surto de dengue em Boa Vista, Roraima. Nota prévia. *Rev. Inst. Med. trop. São Paulo* 25: 53-54, 1983.
39. Oxford English Dictionary (Shorter), 3.ed. Oxford, Claredon Press, 1978.
40. Pinto, P.A. *Dicionário de termos médicos*, 8. ed. Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1962.
41. Real Academia Española. *Diccionario de la lengua española*, 19.ed. Madrid, 1970.
42. Rodhain, F. La situation de la dengue dans le monde. *Bull. Soc. Pathol. Exot.*, 89: 87-90, 1996.
43. São Paulo, F. *Linguagem médica popular no Brasil*. Salvador, Itapuã, 1970, p.295.
44. Simmons, J.S. et al. Experimental studies on dengue. *Philipp. J. Sci.*, 44: 1-251, 1931.
45. Soares, J.L. *Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia*. São Paulo, Ed. Scipione Ltda., 1993.
46. Tauil, P.L. O problema do *Aedes aegypti* no Brasil. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, 19: 1-3, 1986.
47. Veronesi, R. *Doenças infecciosas e parasitárias*, 4.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1969, p. 219.
48. Vieira, F.D. *Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa*. Porto, 1871-1874.
49. Zagne, S.M. et al. Síndrome de choque do dengue. *Rev. Bras. Med.*, 52: 646-650, 1995.